

## A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Daniela Cristina Coletto<sup>1</sup>

### RESUMO

Atualmente, a arte voltada para a educação do desenvolvimento do indivíduo, da formação de seu senso crítico e afetivo, está sendo desvalorizada. Muitas vezes as pessoas não são incentivadas a buscar dentro de si algo novo e criativo. A imagem que nos é passada é a de apreciação das grandes obras e não a do despertar da capacidade criadora. Para que isso ocorra, podemos como professores, fazer uso das linguagens artísticas (teatro, dança, música e artes visuais) que são carregadas de sentidos e fazem parte da condição humana, para desenvolver nos alunos a capacidade de se relacionar, de sentir e de assumir uma consciência crítica. Este artigo tem por finalidade apresentar uma reflexão sobre a arte, para mostrar como ela é importante na formação da criança. Assim como os outros componentes curriculares, a disciplina Arte é relevante em seu processo de formação. As aulas de Arte, assim como os professores, não precisam visar a formação de pintores, escultores ou peritos em artes, mas devem buscar ampliar o conhecimento e sensibilidade dos alunos tornando-os indivíduos criativos e dinâmicos inseridos no contexto da sociedade.

**Palavras-chave:** 1. Arte, 2. Educação da criança, 3. Linguagem.

---

<sup>1</sup> Egressa do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Cenequista de Capivari – ISECC, 2009. E-mail: dani.criscoletto@gmail.com

## Introdução

Neste artigo, analisaremos de que forma a disciplina Arte pode ser aplicada na educação da criança, por sentirmos necessidade de entender e responder qual o valor dessa disciplina e como ela pode ajudar na educação da criança, visando estimular a sensibilidade do aluno, incentivando-o a pensar, sentir e agir de maneira diferente, por meio do uso das diversas linguagens artísticas, buscando favorecer o desenvolvimento do potencial criador do indivíduo.

De acordo com os autores que contribuíram para este artigo, podemos notar, que a arte ainda não é ensinada e aprendida de uma maneira suficiente pela maioria das crianças e adolescentes brasileiros. É necessário um espaço para o desenvolvimento pessoal e social por meio de vivência e posse do conhecimento artístico e estético do aluno, e para isso é preciso pensar uma nova metodologia.

A arte tem uma grande importância na educação escolar e em geral ela tem função indispensável na vida das pessoas desde o início das civilizações, tornando-se um fator essencial de humanização. “Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reinterpreta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário...” (MARTINS, M. et al, 1998, p.57).

De acordo com Ferraz e Fusari (1999, p. 16), “a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo”.

Assim, o propósito deste artigo é explicar qual a importância da Arte para a criança. Para isso, nos apoiaremos nas idéias apresentadas pelas autoras Martins, Picosque e Guerra (1998), quando se referem a um estudo elaborado sobre o desenvolvimento expressivo da criança, que na obra “*Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*” foi separado em quatro movimentos. É importante deixar claro desde o início que “esses movimentos não são estáticos, não delimitam seu território de maneira estanque, definitiva” (1998, p. 94). São importantes para o desenvolvimento da criatividade da criança, principalmente pelo trabalho do professor como mediador.

Por esse prisma, consideramos que a Arte deixe de ser apreciada como uma atividade e passe a ocupar a categoria de disciplina de Arte, para que ela passe a ser mais do que algo para ser tratado só na escola, mas algo que provoque mudanças de comportamento.

### **A arte e a formação da criança**

A arte é importante na vida da criança, pois colabora para o seu desenvolvimento expressivo, para a construção de sua poética pessoal e para o desenvolvimento de sua criatividade, tornando-a um indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos. Os seres humanos são dotados de criatividade e possuem a capacidade de aprender e de ensinar. A criatividade da criança precisa ser trabalhada e desenvolvida, e é por meio do trabalho realizado com a arte nas escolas que isso será possível, pois, nas palavras de Buoro (2000, p. 39) “Arte se ensina, Arte se aprende”.

Porém, nas escolas podemos ver que ocorre o contrário, a arte está sendo desvalorizada e colocada apenas como “momento de repouso” das outras disciplinas que são consideradas mais importantes, ou ainda recurso para enfeitarem datas comemorativas, como nos relata os PCN – Artes (1997). Além disso, ainda existem professores que intervêm no processo de construção do aluno, tentando impor suas “técnicas” ou o que acham correto, desestimulando assim os alunos e impedindo que desenvolvam sua própria poética, seu próprio estilo.

Para entendermos a importância que a arte exerce na criança analisaremos algumas características do seu desenvolvimento expressivo. Iniciaremos com as crianças de 02 anos e seguiremos até aproximadamente seus 12 anos.<sup>2</sup>

A arte é vista e sentida de maneiras diferentes por crianças e adultos. Para o adulto está associada ao belo, às exposições, a museus, à estética. Já para a criança, a arte é uma forma de se expressar, pois “a natureza da criança é lidar com o mundo de modo lúdico, fazer o que lhe dá prazer e satisfação. Por isso gosta tanto de brincar e desenhar” (SANS, 1995, p. 21). A criança faz o que lhe dá prazer e alegria, brincar e

---

<sup>2</sup> Essas idades são utilizadas por LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1970 e aqui as utilizaremos para facilitar a compreensão, pois elas não são estanques, pode haver variações.

desenhar envolve-a por completo e, sempre que age, valoriza os seus desejos e as suas vontades.

Geralmente, a criança começa a desenhar por volta dos dois anos. Nesse período está aberta a experiências, não tem medo de se arriscar, pois o seu corpo é ação e pensamento: ela pode tocar, cheirar, pensar e experimentar com o corpo.

Seu pensamento se dá na ação, na sensação, na percepção, sempre regado pelo sentimento. Convive, sente, reconhece e repete os símbolos do seu entorno, mas não é, ainda, um criador intencional de símbolos. Sua criação focaliza a própria ação, o exercício, a repetição (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 96).

É nesse período que a criança inicia suas garatujas, ou seja, quando manifesta de forma gráfica, sonora ou corporal o que está sentindo, o que conseguiu “pesquisar” no ambiente. É importante ressaltar que as garatujas não são apenas gráficas, pois os pequenos também podem explorar materiais sonoros e o próprio corpo para se expressarem, como quando fazem movimentos com a boca e produzem sons ou quando montam e desmontam pilhas de caixas por prazer. Em todas essas situações estão pesquisando o que existe ao seu redor e o que podem fazer.

A criança valoriza mais o material que está utilizando, o processo, do que o resultado final. Ao se expressar de forma gráfica faz vários rabiscos, livremente, faz traços horizontais, verticais e inclinados até perceber que pode utilizar a linha curva para construir círculos de tamanhos diferentes. Por mais que para os adultos esses rabiscos não possuam significado algum, devem ser estimulados. A criança deve ser encorajada a garatujar, pois esses traços são o início de sua expressão gráfica e, posteriormente, a levarão até a escrita.

Vários estudos foram feitos para apresentar a evolução dessas garatujas. Como mostram Martins, Picosque e Guerra (1998), a pesquisadora Rhoda Kellogg (1985) desenvolveu um mandala para expressar essas fases.<sup>3</sup> Esse mandala é representado por um círculo com diversas sequências de figuras, que mostram a evolução dos desenhos das crianças. Os desenhos se iniciam com círculos de vários tamanhos que tem seu contorno cortado por riscos, que apresentam o formato de um sol. Aos poucos, devido

---

<sup>3</sup> O mandala citado acima pode ser consultado em: MARTINS, PICOSQUE e GUERRA (1998).

às interferências do meio e aos processos que a criança vai assimilando seu desenho se modifica, os círculos tornam-se casinhas, flores, carrinhos, figuras humanas etc. Para Kellogg (1985) todos os desenhos que uma pessoa fará têm por base os movimentos que tiveram início em sua primeira infância e que eram, geralmente, registrados em papel ou massinha.

Como vemos em Lowenfeld e Brittain (1970, p. 115) “a arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem”. A interação é importante, pois a criança gosta de imitar o que o adulto faz, ela observa seus gestos e ações e tenta reproduzir, ela se interessa pela ação e não pelo que o adulto está fazendo. Por isso é fundamental o incentivo, tanto da família como da escola, oferecendo-lhe repertório suficiente para que possa ampliar seus conhecimentos e suas ações.

Os pais e os professores devem ficar atentos para deixar a criança se expressar livremente, evitar comentários negativos e não devem apressá-la para que saia da fase das garatujas, pois essas manifestações são importantes para o seu desenvolvimento e ações futuras. Quando a criança é reprimida pode passar a ter medo de se arriscar e, conseqüentemente, de se expressar.

Podemos concordar com Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 102), quando dizem que a “arte é a linguagem básica dos pequenos e deve merecer um espaço especial, que incentive a exploração, a pesquisa, o que certamente não será obtido com desenhos mimeografados e ‘exercícios de prontidão’”.

Os processos pelos quais as crianças passam são mais importantes que o produto final e, por isso, merecem tanta atenção.

Após a fase das garatujas, entre 04 e 07 anos a forma de se expressar da criança passa a apresentar outras características: ela descobre que tudo tem um nome, um significado e um porquê. Nessa fase, o jogo do faz de conta está muito presente na vida da criança quando uma vassoura pode ser seu cavalinho, ou uma caixa de papelão pode representar seu carro.

No desenho os seus rabiscos vão, aos poucos, depois de inúmeras tentativas, se tornando letras e ela passa a diferenciar a escrita do desenho. Seus traços começam a ser controlados e, geralmente, o primeiro símbolo que a criança constrói é a figura humana.

Como vimos na mandala desenvolvida por Rhoda Kellogg, as figuras nascem dos sóis e, em algumas ocasiões, a figura humana é representada por um círculo com olhos, nariz e boca. Para Sans (1995, p. 28), “depois que a criança desenha o sol irradiante, parece descobrir um tipo de fórmula para representar o rosto humano. Geralmente, ela desenha dois pequenos círculos representando os olhos, um ponto como se fosse o nariz e um risco horizontal como boca”.

A criança nesta fase busca em suas experiências um modo para representar o homem como um todo. Ela não se preocupa em organizar as cenas no papel, seus desenhos são dispostos de forma aleatória, os objetos podem aparecer acima, abaixo, ou nos cantos do papel, pois a criança os desenha da forma como os compreende e não conforme a realidade. Procede da mesma maneira com as cores. Um cachorro pode ser azul ou rosa, uma vez que não se incomoda com o aspecto visual e sim o afetivo que a cor proporciona.

A figura humana vai aos poucos se enriquecendo de detalhes, como as orelhas e o umbigo e isto influenciará outros desenhos, como por exemplo, ao representar flores ou animais manterá as características humanas como boca, nariz e olhos. Nas representações com massinha ou argila a criança também apresentará evoluções, e aos poucos, as figuras deixam de ser bidimensionais, para serem tridimensionais.<sup>4</sup>

Os desenhos das crianças, assim como todas as suas formas de expressão podem ser considerados um reflexo da sua criatividade infantil, pois são os registros dos seus sentimentos e das suas percepções do meio, o que proporciona ao professor um modo de compreender melhor seu aluno e assim ajudá-lo, pois “a arte infantil faculta-nos não só a compreensão da criança mas também a oportunidade de estimular seu desenvolvimento, através da educação artística”<sup>5</sup> (LOWENFELD e BRITTAIN, 1970, p. 176).

É através das aulas de Arte que o professor irá estimular seu aluno a investigar, inventar, explorar e, mesmo cometendo erros, ele não terá medo de liberar sua

---

<sup>4</sup> Nas representações com massinha e argila bidimensionais a criança constrói suas figuras apoiadas em superfícies, como em uma folha de papel, com o tempo passará a construir as figuras em pé, ocupando o espaço de modo tridimensional, ou seja, as figuras terão comprimento, altura e largura.

<sup>5</sup> A edição do livro utilizada para essa pesquisa é datada de 1970, por isso o autor ainda utiliza o termo Educação Artística, sendo que a partir da publicação da LDB 9394/96, art. 26, § 2º a disciplina passou a se chamar Arte.

criatividade. O professor deve apresentar a atividade como algo essencial para a criança, e também deve estar motivado com o trabalho, não apenas orientando de forma mecânica, mas fazendo a criança sentir sua importância para que a atividade seja significativa para o aluno.

De acordo com as idéias de Martins, Picosque e Guerra (1998) é no jogo de faz de conta, ou jogo simbólico que a espontaneidade estética e a capacidade de criação ficam evidentes, quando a criança inventa e representa situações através da imagem simbólica de objetos ausentes. Ela representa de forma espontânea, mas não tem intenção de representar teatralmente uma história com começo, meio e fim.

Podemos dizer que a principal característica desse segundo movimento expressivo é a possibilidade de inventar da criança, de criar a partir de suas próprias idéias. Nessa fase o trabalho do professor é muito importante devendo incentivar a criança a se expressar, a imaginar outras possibilidades, caso contrário o aluno poderá se tornar apenas um repetidor de respostas e modelos prontos, pois a “perda do ‘lúdico’ provoca na criança o envelhecimento precoce e a atrofia da espontaneidade” (SANS, 1995, p. 22).

Aos poucos a criança apresenta novas características quanto ao desenvolvimento expressivo. Por volta dos 07 anos, quando já está sendo alfabetizada, sente necessidade de registrar tudo o que descobriu ou inventou, “as soluções gráficas que encontra, a invenção de novas relações, são algumas das peripécias criativas que a criança vai produzindo para registrar o que vê, sabe, intui e imagina” (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 110).

A principal particularidade dessa fase do desenvolvimento expressivo é o aparecimento da linha de base ou o “chão” e nela a criança irá apoiar todos os seus desenhos, sendo que em algumas ocasiões poderá também utilizar a borda do papel como “chão”.

Por ser exigente consigo mesma, busca fazer suas representações da forma mais realista que conseguir o que, muitas vezes, a deixa insegura e com medo de errar. Tentando evitar os erros usa constantemente a borracha ou se apóia no uso da régua. A linha de contorno também lhe dá segurança na representação. A busca pela realidade também influencia o uso das cores, pois as representações passam a ter cores

convencionais, como os telhados vermelhos, a grama sempre verde e as nuvens sempre azuis sobre fundo branco. Outra característica presente no desenho é a transparência que, de acordo com Sans (1995, p. 30)

[...] é comum, também, a criança desenhar o que sabe existir, mesmo que esteja escondido. Ao desenhar uma casa, ela pode colocar, no mesmo plano das linhas de contorno, os móveis que estão dentro dela.

Por volta dos 09 e 10 anos a criança entra na fase do “eu não sei desenhar”. O professor precisa estar atento à autocrítica que está sendo desenvolvida por ela, ao comparar o real ao que foi produzido, “é comum um número grande de alunos perguntar ao professor se o seu trabalho de Arte está certo ou errado. A noção de aprovação e reprovação é tão forte, que eles se sentem tolhidos e inseguros para se expressar” (BUORO, 2000, p. 36). Nesse momento o professor precisa mostrar à criança que há outras possibilidades de representação e, para isso, pode enriquecer seu repertório através de observações de obras ou figuras, podendo, também, discutir com a classe ou individualmente outras maneiras de representação. O importante é que o professor desafie seu aluno para que ele desenvolva sua poética pessoal.

A presença da organização e da regra faz surgir nas criações teatrais das crianças uma outra linha, a linha de palco, que divide o palco da platéia. De acordo com as autoras Martins, Picosque e Guerra (1998) é importante que nesse período a criança aprenda uma música que goste, pois ela está em sintonia com a produção musical de seu meio. É importante ainda que o professor coloque a criança em contato com produções de outras épocas e culturas para que ela desenvolva a “escuta ativa” e perceba os diferentes aspectos estruturais e emocionais da música aumentando, dessa forma, seu repertório e valorizando a produção musical do ser humano.

Nessa fase também tem início o interesse por trabalhos em grupos, em todas as linguagens artísticas (teatro, dança, música e artes visuais) e essa necessidade será ainda maior na próxima fase do seu desenvolvimento expressivo.

Ainda de acordo com Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 114) podemos levar “desse terceiro movimento expressivo a invenção de relações e regras que geram critérios próprios, na busca de soluções criativas que vão alimentando um pensamento criador com maior autonomia”.

A cada fase que a criança passa, desenvolve mais sua criatividade e conseqüentemente sua autonomia, tendo assim mais facilidade para se expressar e se comunicar com o mundo.

Quando tem entre 09 e 12 anos, aproximadamente, a criança começa a deixar de ser criança e tornar-se adolescente, entrando na Idade da “Turma” (início do realismo) de acordo com Lowenfeld e Brittain (1970), e/ou no quarto movimento, quando desenvolve sua poética pessoal, como afirmam Martins, Picosque e Guerra (1998). Nesse período o adolescente sente a necessidade de estar em grupos, ele está mais crítico e autônomo, percebe que faz parte de uma sociedade,

[...] a descoberta de interesses semelhantes, de segredos compartilhados em comum, do prazer de realizar coisas em conjunto, torna-se acontecimento fundamental. Existe a crescente conscientização de que se pode fazer mais em grupo do que estando só, e de que o grupo é mais poderoso do que a pessoa solitária (LOWENFELD e BRITTAİN, 1970, p. 229).

Essa necessidade não deve ser reprimida. Por mais que a adolescência seja uma fase complicada na vida do ser humano, a família e a escola precisam ser pacientes e saber trabalhar esse quarto movimento, pois cada adolescente se expressa de uma maneira particular.

Podemos dizer que a principal característica dessa última fase é a autonomia que está sendo desenvolvida pelo adolescente, a sua busca pela própria identidade e poética pessoal, que se reflete diretamente em sua expressão artística. Podemos enfatizar mais uma vez que é nas aulas de Arte, junto ao professor, que isso pode ocorrer, desde que seu trabalho seja instigante e voltado para o desenvolvimento pleno do aluno.

### **O professor como mediador**

Durante todo o seu desenvolvimento expressivo a criança conhece e aprimora saberes, técnicas e sensações, construindo assim, sua poética pessoal. É nesse aprimorar/construir que se faz necessária uma boa prática pedagógica desenvolvida pelo professor.

Podemos concordar com Ferraz e Fusari (1999, p. 49) quando explicam que “no encontro que se faz entre cultura e criança situa-se o professor cujo trabalho educativo será o de intermediar os conhecimentos existentes e oferecer condições para novos

estudos”. O papel do professor é mediar os conhecimentos, apresentar novos saberes aos que a criança já possui.

Tudo o que ela adquire, seja por intermédio do professor ou do seu meio (família, colegas, sociedade), ajuda no desenvolvimento de suas expressões e percepções. O professor como principal mediador dos conhecimentos, precisa apresentar à criança situações que lhe possibilitem ampliar e enriquecer suas experiências, de modo prazeroso e lúdico. De acordo com os PCN – Artes (1997, pp.47 e 48) “aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado”, dessa forma é função do professor escolher quais os recursos didáticos mais eficientes para expor os conteúdos, “observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz”.

Vários fatores são importantes para que as aulas sejam significativas para as crianças, como ter um ambiente estimulante e desafiador, acolher o que os alunos trazem e trabalhar com o cotidiano das crianças, ou seja, com o repertório oferecido pela comunidade. (PCN – Artes, 1997).

De acordo com os PCN – Artes (1997, p. 110), o professor é um “criador de situações de aprendizagem”. Ele é o incentivador, estimulador, o profissional que trabalha para que suas aulas sejam significativas para seus alunos.

O professor de Arte precisa estar atento ao trabalho que está desenvolvendo com seus alunos, analisar se está ajudando a desenvolver mais sua percepção, buscando assim a construção de sua poética pessoal, pois:

[...] valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, “falas”, sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam idéias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensinante de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 118).

É necessário que o educador analise e valorize o processo e não o produto final, incentive o aluno a buscar e criar, a se sensibilizar com as cores, gestos e sons. O trabalho do professor é incentivar e valorizar a imaginação dos alunos, ouvir e ver o que já sabem fazer. Segundo as autoras Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 118) “é

exercitando esse pensar imaginativo que podemos encontrar soluções inovadoras e ousadas, seja no campo da ciência, seja no da arte”.

Já o autor Jorge Larrosa (2003, pp. 51 e 52) nos apresenta uma definição de professor um pouco mais poética. Afirma que professor é “alguém que conduz alguém até si mesmo” e, se olharmos para nossa vida encontraremos “alguém que, sem exigir imitação e sem intimidar, mas suave e lentamente, nos conduziu até nossa própria maneira de ser”.

Após essas definições podemos dizer que o bom professor é aquele que se empenha no que faz e que tem como objetivo o crescimento e o desenvolvimento de seus alunos. O professor nas aulas de Arte deve visar o desenvolvimento da poética do aluno e do seu modo de se expressar, não de forma impositiva, mas incentivando suas produções. É preciso estar atento, pois de acordo com os autores Lowenfeld e Brittain (1970, p. 78) “um mau professor é pior do que não haver professor algum”.

Ao conduzir o aluno a si mesmo, o professor pode trabalhar estimulando o desenvolvimento de sua criatividade, o que facilitará a construção de sua poética pessoal e de sua forma de ver, sentir e se expressar no mundo.

Para Lowenfeld e Brittain (1970, p. 48) “as crianças que ficam inibidas em sua criatividade, por regras ou forças que lhe são alheias, podem retrair-se ou recorrer à cópia ou ao desenho mecânico”. Para que isso não ocorra é importante o trabalho do professor como mediador e incentivador.

A poética pessoal, assim como a criatividade e o gosto pela arte, só serão desenvolvidos se fizerem sentido para a criança. Para Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 128)

[...] o que ‘decoramos’ ou simplesmente copiamos mecanicamente não fica em nós. É um conteúdo momentâneo, por isso conhecimento vazio que no decorrer do tempo é esquecido. Não faz parte de nossa experiência. Só aprendemos aquilo que, na nossa experiência, se torna significativo para nós.

As aulas de Arte precisam ser significativas. O professor precisa conhecer seus alunos, partir de suas preferências, do que já sabem e ampliar o seu repertório. Para isso ele pode levar para a aula materiais diferentes, incentivar as produções dos alunos, questionar qual o significado do que fizeram e propor situações problemas para que

busquem diferentes respostas, novas formas de se expressar, colocando em prática seu potencial.

Nas aulas de Arte o professor deve utilizar as quatro linguagens artísticas (artes visuais, dança, música e teatro) como forma do aluno se expressar significativamente e não apenas as visuais, como ocorre na maioria das vezes.

Após o surgimento da fotografia, as artes visuais foram pouco a pouco se modernizando. Hoje, além das pinturas, gravuras e esculturas é possível trabalhar com vídeos, artes gráficas, programas de computador, etc.

Para produzir, o aluno precisa conhecer os elementos que compõem as artes visuais, como ponto, linha, volume, textura, cor, luz. Também precisa experimentar diversos materiais como papéis, tintas, argila, máquinas fotográficas. Além disso, poderá apreciar e estudar obras de arte, de modo que aprenda a unir todos esses conhecimentos para se expressar, mas para isso é muito importante a mediação do professor.

De acordo com os PCN – Artes (1997, p.61) “tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicionar criticamente”.

A dança também é uma linguagem que pode ser utilizada pelo professor. Ela sempre esteve presente na cultura humana, seja como atividade de lazer, trabalho ou manifestação religiosa. A criança é um ser em constante movimento, é dessa maneira que ela explora seu corpo e o ambiente. A dança pode ser utilizada como um estímulo à comunicação e à criatividade, pois, através dela, o professor pode trabalhar de forma lúdica e espontânea a estrutura e o funcionamento dos corpos, assim como o trabalho em grupo e a atenção.

Os PCN – Artes (vol. 06, 1997, p. 67) apontam a dança na escola, como uma atividade que “pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade”.

A linguagem musical também sempre esteve presente na cultura humana. Para ser trabalhada na sala de aula, o professor precisa acolher o repertório trazido pelos

alunos, contextualizá-lo e enriquecê-lo, levando até eles músicas às quais eles não têm acesso, para que conheçam e apreciem, sempre de forma significativa e contextualizada.

Assim como nas artes visuais, o aprendiz precisa entrar em contato com técnicas e nomenclaturas musicais, como altura, som, partituras, instrumentos musicais (que já existem ou outros que podem ser fabricados). Também é importante apreciar apresentações musicais, conhecer a produção de grupos populares e participar, através do incentivo do professor, de festivais, shows e concertos (PCN – Artes, vol. 06, 1997).

A capacidade teatral está presente na vida da criança desde seu ingresso na escola, quando vivencia de forma espontânea o jogo de faz de conta. Cabe à escola e ao professor incentivar desde esse momento as atividades teatrais. Para isso, pode utilizar jogos que trabalhem a imaginação, a ação e as relações em grupo, sem perder as características lúdicas e espontâneas.

De acordo com os PCN – Artes (vol. 06, 1997, p. 84),

[...] as propostas educacionais devem compreender a atividade teatral como uma combinação de atividade para o desenvolvimento global do indivíduo, um processo de socialização consciente e crítico, em exercício de convivência democrática, uma atividade artística com preocupações de organização estética e uma experiência que faz parte das culturas humanas.

Podemos utilizar as linguagens descritas acima para conseguir despertar nos alunos uma aprendizagem significativa e prazerosa, mas é preciso lembrar o que nos diz Morin (2004, p. 36) “o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido”, portanto é necessário partir sempre da realidade dos alunos, do que já sabem, para então ampliar e instigar seus conhecimentos.

De acordo com Fayga Ostrower (1987, p. 130), a criatividade da criança é diferente da criatividade do adulto; “nas crianças, o criar – que está em todo seu viver e agir – é um tomada de contato com o mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma”, ela pode até mudar o ambiente, mas não é esse o seu propósito, pois tudo o que faz é para saciar suas necessidades.

A criança se expressa através da arte com mais facilidade, pois em sua produção artística, que é sua criação, não há certo ou errado. Para Lowenfeld e Brittain (1970), a

criatividade é uma ação, é um comportamento em que a criança produz e constrói continuamente.

O trabalho mediador desenvolvido pelo professor ajuda no desenvolvimento da capacidade de criação da criança. Através de suas orientações o professor pode motivar os alunos. Para isso pode utilizar perguntas, situações problemas, projetos, partindo sempre das necessidades dos alunos e do que lhes desperta o interesse, ampliando seus conhecimentos e sua visão.

Outro fator importante é o professor conhecer as características do desenvolvimento expressivo das crianças, mesmo que estas não sigam regras fixas de comportamento e idade, pois podem favorecer o seu trabalho de mediação e, o fundamental, é que ele conheça cada um de seus alunos.

Podemos concluir dizendo que a arte é importante para a criança, pois enquanto cria, desenha, canta, dança ou representa uma cena ela é livre para expressar suas idéias e seus sentimentos. É durante as aulas de Arte que a criança vai aprender a ouvir, a ver e a sentir. Não queremos dizer que essas habilidades não possam estar presentes nas outras disciplinas, até devem, pois os conhecimentos precisam ser integrados, mas é no contato com a arte, com o professor que gosta de arte e que a leva para a sala de aula, que a criança vai aprender a gostar de arte. Ele vai entender, através do comportamento de seu educando e dos seus momentos de apreciação e reflexão que essa disciplina é mais do que um “momento de repouso”, ela representa um agente transformador de atitudes que poderão ser levadas para toda a vida. Para Larrosa (2003) “se alguém lê ou escuta ou olha com o coração aberto, aquilo que lê, escuta ou olha ressoa nele; ressoa no silêncio que é ele, e assim o silêncio penetrado pela forma se faz fecundo. E assim, alguém vai sendo levado à sua própria forma” (p. 52). Podemos dizer que quando o professor e a criança alcançarem esse momento, terão entendido o verdadeiro significado da arte.

### Considerações Finais

Buscamos no decorrer deste artigo oferecer informações, despertar reflexões e análises, com a expectativa de gerar caminhos para melhorar a forma como o ensino e a aprendizagem de Arte vêm sendo conduzidos nas escolas.

Apontamos no decorrer desta análise a importância do professor estabelecer uma prática pedagógica que valorize a arte, assim como suas linguagens artísticas, procedimentos, desenvolvimento da criatividade e poética pessoal da criança como conteúdos que devem estar presentes constantemente.

Também um ambiente adequado, o domínio por parte do professor do que está sendo ensinado e o conhecimento sobre o desenvolvimento expressivo da criança, seu entusiasmo e, acima de tudo, conhecer cada aluno e trabalhar com a sua realidade, sempre de forma contextualizada, proporcionarão aulas de Arte significativas.

Podemos concluir dizendo que para a arte ter o mesmo valor das outras disciplinas e ser considerada importante para o desenvolvimento da criança, será necessária uma conscientização e tomada de atitude por parte do professor e de toda a escola. Não uma atitude conformista ou lamentadora, que olha para os acontecimentos com pesar, buscando culpados e prosseguindo com os mesmos objetivos e atitudes já instaurados, mas um agir, que busque uma verdadeira mudança, em que todos assumam a postura de educadores e trabalhem para essa conquista, visando sempre o melhor para o aluno, com o objetivo de torná-lo um cidadão crítico, criativo e que saiba ver, ouvir e sentir com o coração, preparado para atuar na sociedade e construir a sua história.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte – Brasília, 1997.

FUSARI, Maria F. R; FERRAZ, Maria H.C.T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993. (coleção magistério 2º grau. Série formação geral).

\_\_\_\_\_. *Metodologia do Ensino de Arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. (coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor.).

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. *A criança e o artista: Fundamentos para o ensino das artes plásticas*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Ágere).